

/Credor defende nova postura dívida ext

24 SET 1985

por Jurema Baesse
de Brasília

A postura da comunidade financeira mundial frente ao pagamento da dívida externa dos países do Terceiro Mundo começa realmente a ser modificada. O presidente do maior banco internacional da Inglaterra, o Barclays Bank, Timothy Bevan, em visita ao Brasil, assinalou que o País não deve "conduzir integralmente a sua receita obtida com superávits comerciais para o pagamento do serviço de sua dívida externa". Bevan defende que o Brasil tente condições mais favoráveis na renegociação da sua dívida, e que parte da receita cambial do Brasil "permaneça aqui dentro, para que o País possa gerar um desenvolvimento interno mais acelerado". O Brasil deve ao Barclays US\$ 730 milhões.

Bevan entende que o ajustamento da economia brasileira, no prazo de um ano ou um ano e meio, como deseja o Fundo Monetário Internacional (FMI), poderia dificultar o projeto brasileiro de sair da recessão.

GAZETA MERCANTIL

Ele ressaltou, porém, que dificilmente o Brasil conseguirá reescalonar a sua dívida com os bancos credores sem o aval do FMI. Segundo o banqueiro inglês, "é significativamente importante a aprovação do ajuste da economia brasileira pelo FMI para que haja negociação com os bancos".

BENEPLACITO

Com relação à eventual necessidade de o Brasil pedir dinheiro novo, Timothy Bevan ressaltou que o seu banco "não fará nada isoladamente, e seguirá o que for decidido por toda a comunidade financeira, e, se esta decisão for favorável ao dinheiro novo, ela será seguida". Apesar de enfatizar que a receptividade à renegociação da dívida brasileira pelos credores "é muito boa", o banqueiro inglês repetiu, por três vezes, que é de fundamental importância o "beneplácito" do FMI com relação à economia brasileira.

Timothy Bevan espera que "dentro do tempo mais rápido possível" o Brasil acerte um programa de ajuste com o FMI, mas um

programa que possibilite ao País "cumprir as promessas feitas". O banqueiro inglês acha natural o "apoio" do Fundo, e o interpreta como "um juiz independente entre duas partes que têm interesses conflitantes". E lembrou que, em 1976, a própria Inglaterra enfrentou um período de dificuldade e necessitou recorrer ao FMI.

RECEITA CAMBIAL

Bevan admite que o pagamento de juros da dívida externa tem de ter um limite e que ele não deve absorver "toda a receita cambial do País". Isto significa que os bancos credores estão mais sensíveis às dificuldades dos países em desenvolvimento, mas não in-

dica que já se pode falar em uma negociação política para a dívida. Bevan asinalou, com alguma reserva, que "inegavelmente alguma influência política deverá entrar na discussão", mas não será significativa.

O combate à inflação, na avaliação do banqueiro, deve ser paralelo à recuperação da economia do País. Bevan afirmou que foi o único banqueiro a citar Karl Marx no relatório do seu balanço anual, mas a citação se fez necessária. Marx afirmou que "a melhor forma de destruir um país é destruir a sua moeda" — esta afirmativa, segundo o banqueiro, ilustra o seu pensamento com relação ao mal que a inflação faz a um país.